

Os subterrâneos de *Sobrados e Mucambos*: análise historiográfica das notas de rodapé

Eliézer Cardoso de Oliveira

Universidade Estadual de Goiás
Anápolis – Goiás – Brasil
ezi@uol.com.br

Resumo: A proposta deste artigo é a de analisar as notas de rodapé presentes em *Sobrados e Mucambos*. O estilo de escrita ou argumentação de Freyre é caracterizado pelo uso intenso de notas de rodapé, as quais perfazem grande parte de suas obras. Apesar disso, nenhum dos vários estudos historiográficos sobre esse autor enfocou estas notas. Desse modo, analisam-se as notas como um importante artifício retórico argumentativo utilizado pelo autor. Nesse sentido, as notas não são meros apêndices do texto, mas sim indícios e sinais (GINZBURG, 1989) de uma concepção historiográfica, que se procura legitimar por meio de argumentos (RÜSEN, 2007).

Palavras-Chaves: Gilberto Freyre – Sobrados e Mucambos – Notas de rodapé

Introdução

Este artigo tem como objeto de análise as notas de rodapé do livro *Sobrados e Mucambos*, publicado por Gilberto Freyre em 1936. Não se trata de reduzir a complexidade do pensamento do autor a uma análise circunscrita às notas de rodapé, mas permitir uma inversão no padrão formal de leitura, priorizando os paratextos¹ para uma análise do texto principal. Freyre foi um “notemaníaco”, recheando seus textos de

¹ No sentido comum, paratextos são considerados os elementos que estão além do texto principal, tais como: informações sobre o autor e editora, prefácios, índices, notas de rodapé, bibliografia, imagens, dentre outros. Neste artigo, utiliza-se a definição de paratexto proposta por Gerard Genette e Marie Maclean (1991): “[the] text rarely appears in its naked state, without the reinforcement and accompaniment of a certain number of productions, themselves verbal or not, like an author's name, a title, a preface, illustrations. One does not always know if one should consider that they belong to the text or not, but in any case they surround it and prolong it, precisely in order to present it, in the usual sense of this verb, but also in its strongest meaning: to make it present, to assure its presence in the world, its ‘reception’ and its consumption, in the form, nowadays at least, of a book”.

centenas de notas, talvez como uma forma de procurar compensar a limitação e o enquadramento que o processo de escrita produzia no seu pensamento. O pensamento de Freyre nunca coube perfeitamente no papel e, por isso, ebulia, como um melado quente dos tachos dos engenhos, escorrendo do papel no formato de notas de rodapé.

No caso de *Sobrados e Mucambos* (daqui para frente: *S&M*), a quantidade de notas utilizadas é bem menor do que em *Casa Grande e Senzala*, quando perfazia – na 31ª edição – 124 páginas, contra 350 páginas do texto principal. No entanto, mesmo assim é significativo o número de páginas em *S&M*, como se vislumbra na tabela abaixo:

Quadro 1 – Estrutura de *Sobrados e Mucambos* (em número de páginas)

Corpo principal do texto:		Corpo secundário do texto:		
Capítulos	Quantidade de páginas	Notas	Número de páginas	Número de notas
Capítulo 1	23	Notas do capítulo 1	05	22
Capítulo 2	31	Notas do capítulo 2	09	37
Capítulo 3	25	Notas do capítulo 3	03	26
Capítulo 4	51	Notas do capítulo 4	09	35
Capítulo 5	83	Notas do capítulo 5	27	168
Capítulo 6	43	Notas do capítulo 5	02	50
Capítulo 7	36	Notas do capítulo 5	06	37
Capítulo 8	53	Notas do capítulo 5	23	73
Capítulo 9	54	Notas do capítulo 5	13	136
Capítulo 10	68	Notas do capítulo 5	20	147
Capítulo 11	58	Notas do capítulo 5	06	74
Capítulo 12	35	Notas do capítulo 5	03	27
Total:	560		126	832
(porcentagem)	77,5%	22,5%		

Fonte: confeccionada a partir da 15ª edição de *Sobrados e Mucambos* (Editora Global, 2004).

*Não foram consideradas as páginas dos prefácios e da bibliografia.

De acordo com a tabela, nota-se que mais de 20% do imenso texto do livro é composto pelas 832 notas de rodapé, que totalizam 126 páginas. Essa significativa quantidade de texto das notas de rodapé geralmente não é considerada pelos leitores,

compreensivelmente estafados pela densidade do texto. Nesse sentido, esse artigo vem procurar sanar esse desperdício de material, aproveitando-o numa análise historiográfica de *S&M*.

S&M foi escrito em duas etapas. Em 1936, na primeira edição, Freyre escreveu os atuais capítulos que vão do 1 ao 5 e o 7 e 11. Em 1952, na segunda edição, o livro foi ampliado com a adição dos capítulos 6, 8, 9, 10 e 12, bem como as notas bibliográficas que não constavam anteriormente. O seu propósito era continuar a análise de *Casa Grande e Senzala* sobre a formação do patriarcalismo brasileiro no século XVI, abordando agora a realidade sócio-cultural brasileira dos séculos XVIII e XIX, quando se percebia o que o autor explicitou no subtítulo da obra: “decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano”.

Apesar do propósito explicitamente continuísta e de utilizar as mesmas metáforas arquitetônicas celebrizadas em *Casa Grande & Senzala*, o livro *S&M* não alcançou a mesma visibilidade do seu predecessor. Isso fica bem evidente quando se compara a tiragem das duas obras: enquanto *Casa Grande* já se encontra na 48ª edição, *S&M* se encontra na 15ª edição². Não apenas entre os leitores, mas também entre os comentadores de Freyre, nota-se que *S&M* é subestimada diante de *Casa Grande e Senzala*, como notou Sandra J. Pesavento (2006, p. 157): “Pode-se mesmo afirmar, sem risco de exagero, que, em termos de sua recepção, *Sobrados e Mucambos* viveu até hoje à sombra de *Casa-Grande & Senzala*”.

Nesse sentido, é salutar e louvável o estudo de Jesse de Souza (2000) em *Modernização Seletiva*, colocando *S&M* como paradigma de uma análise da modernização brasileira que rompe com os critérios rígidos e fechados defendidos por um grupo de autores, como Sérgio Buarque de Holanda, Raimundo Faoro, Roberto da Matta. Eles seriam os principais representantes da chamada *sociologia da inautenticidade*, que postula a tese de que a modernização brasileira é inautêntica, artificial, uma mudança da forma, preservando o conteúdo. Essa leitura, por demais crítica da modernização brasileira, é consequência de se pensar a modernização, tendo como modelo o processo ocorrido na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, que são bastante diferentes da ocorrida no Brasil.

² Isso não significa que *Sobrados*, em termos absolutos, vendeu pouco. Poucos livros acadêmicos conseguem ultrapassar a casa das 15 edições no Brasil. Um dado interessante, para efeito comparativo, é observar que *Formação do Brasil Contemporâneo*, outro clássico da historiografia brasileira, está na 22ª edição. Nesse critério, encontra-se mais próximo de *Sobrado* do que de *Casa Grande*.

³ Dentre os que preferem *S&M*, destaca-se Leonardo Dantas Silva (2003, p. 238): “Nada contra aos que, originários da zona rural, têm suas predileções por *Casa-Grande & Senzala*; para mim, nascido e criado na cidade do Recife, encontra-se em *Sobrados e Mucambos* o mais encantador da obra de Gilberto Freyre.”

O papel inovador e original de *S&M* está no fato de possibilitar uma análise da modernização brasileira, afastando dos modelos da *sociologia da inautenticidade*. Neste livro, Freyre defende a tese de que a modernização brasileira é *seletiva*, ou seja, elege-se aspectos a modernizar e aspectos a conservar. Nesse sentido, o livro se afastaria da tese da “ausência” ou da “precariedade” da modernização brasileira, demonstrando um efetivo processo de mudança ocorrida no Brasil no século XIX, quando a Abertura dos Portos permitiu a entrada de valores, mercadorias e máquinas européias, principalmente inglesas, no Brasil. Isso fez com que ocorresse uma efetiva transformação na sociedade patriarcal brasileira, perdendo suas características oriental, africana e indígena e aproximando-se dos valores modernizadores europeus. No entanto, muitos desses valores não foram extintos, convivendo lado a lado com os modernos. Isso não implica afirmar que a modernização brasileira é *inautêntica*; ela é apenas diferente, como são diferentes a modernização alemã, a japonesa, a norteamericana. Com essa análise, Jessé de Souza dá um novo status a *S&M*: de “apêndice” de *Casa Grande* torna-se o livro fundamental para se estudar a modernização brasileira ocorrida no século XIX.

O confronto entre Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda também foi explorado por Elide R. Bastos no artigo “Raízes do Brasil – Sobrados e Mucambos: um diálogo” (2005), no qual a autora ressalta que as duas obras, ambas publicadas em 1936, demonstram perspectivas diversas da interpretação da realidade brasileira. Apesar de ambas terem como tema central a urbanização brasileira, elas divergem sobre o alcance dessa urbanização: Freyre pensa uma urbanização convivendo com características patriarcais; já Holanda pensa uma urbanização que elimine as características patriarcais. Em suma, enquanto Freyre destaca a “plasticidade de setores do patriarcado que foram capazes de lutar por certas medidas que pareciam ir contra os seus interesses” (Bastos, 2005, p. 29), Holanda rejeita qualquer possibilidade de a família patriarcal gerar um Estado racional. Enfim, o artigo demonstra o quanto a divergência entre os dois autores foi salutar para que ambos solidificassem os seus argumentos e os incorporassem nas posteriores revisões que fizeram em suas obras.

Indício de que há uma tendência, entre os estudiosos, de “redescobrir” e valorizar *S&M* foi a publicação de *Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre entre história e ficção*, organizado por Antônio Dimas, Jacques Leenhardt e Sandra J. Pesavento (2006), cujos artigos referem-se, em sua maioria, a essa obra.

No artigo “Protocolos da escrita: as estratégias de Gilberto Freyre”, Jacques Leenhardt postula uma análise de *S&M* próxima ao propósito deste artigo, analisando

os elementos paratextuais dessa obra. Um desses elementos são os prefácios, escritos pelo próprio Freyre, em que se percebe a sua função retórica:

O prefácio apresenta a imposição de mais um código, já que nele o autor exerce uma pressão e utiliza o seu poder de persuasão sobre o leitor, para que acolha e aceite seus argumentos, com o que se reforça a função de veracidade do enunciado (LEENHARDT, 2006, p. 116).

Outro aspecto retórico utilizado por Freyre são os testemunhos pessoais do autor, pretendendo convencer o leitor pela força do testemunho ocular. Leenhardt foi sagaz ao utilizar as dedicatórias de *Casa-Grande e Senzala* e *S&M* para documentar a diferença de abordagem das duas obras. A primeira é dedicada aos avôs de Freyre, com o nome completo dos quatro citados no texto; na segunda, dedica-se apenas ao pai e mãe (sem citá-los nominalmente) destacando o sobrado “já demolido” onde viveu e escreveu a obra. Para Leenhardt (2006, p. 151), isso indica que “a escritura de *Sobrados e Mucambos* é feita na soleira de um mundo morto, moribundo, acabado”. Outro elemento pré-textual analisado por Leenhardt (2006, p. 153) é o uso do “&” e do “e” no título de suas duas obras:

Para sublinhar o aspecto conjuntivo do “e” no contexto do equilíbrio social, forçado e forte, de *Casa-Grande & Senzala*, Freyre utiliza o “e” comercial - & -, um símbolo, que manifesta no seu desenho, a idéia do nó. Já em *Sobrados e Mucambos*, onde domina a idéia da tensão entre vários universos, constantemente obrigados a reconstruir um equilíbrio tão frágil utiliza o “e” com toda a sua ambiguidade.

Com isso, Leenhardt demonstra o quanto a análise dos elementos paratextuais pode ser reveladora de uma perspectiva específica de escrita da história.

No artigo “O cativo de Clio: narrativa entre memória e história”, Sandra J. Pesavento (2006), também analisando os prefácios de *S&M*, destaca que o texto de Freyre é construído sobre três alicerces argumentativos: a sua estupenda erudição, o rigor científico na citação de fontes e obras de referência e as ousadias da imaginação. Nesse último aspecto, destaca a utilização das lembranças pessoais para compor o cenário do passado brasileiro. Segundo Pesavento (2006, p. 158),

Na verdade, Freyre se vale das suas recordações de infância, da sua vida no nordeste brasileiro e também da sua rede familiar e de amigos. Freyre quase poderia dizer: “eu vi, foi assim”, valendo-se, portanto, do seu próprio testemunho.

Essas passagens em que a experiência pessoal do autor aparece como um argumento retórico para convencer o leitor faz com que os limites entre História e Memória se misturem, aproximando a história da ficção.

Também analisando os prefácios de S&M, Sandra G. T. Vasconcelos, no artigo “O que se diz no princípio: uma leitura dos prefácios” (2006) discute uma questão inquietante e interessante: se Gilberto Freyre, sempre orgulhoso de suas produções intelectuais, sabia do pioneirismo e da consistência de *S&M*, então por que escreveu tantos prefácios⁴? Para a autora, esses múltiplos prefácios seriam uma forma de o autor conversar com leitores de diferentes épocas, mantendo a sua obra atualizada dentro dos diferentes contextos temporais, abrangendo um período de 44 anos, desde a primeira edição em 1936 até a sexta e última edição em vida de Freyre em 1980. Além disso, os prefácios permitem “acesso privilegiado a desdobramentos de ideias e proposições desenvolvidas no corpo da obra, que ocorreram a seu autor num momento de pós-escritura, a partir da necessidade de se explicar, se justificar ou esclarecer pontos que julgava obscuros na sua argumentação” (VASCONCELOS, 2006, p. 179).

Inspirando-se no artigo de Sandra Vasconcelos, poder-se-ia perguntar: até que ponto as notas de rodapé são pertinentes para uma abordagem de *S&M*? A resposta passa por uma constatação de que o uso das notas de rodapé, como instrumento de análise historiográfica, é relativamente inusitado, mas, de modo algum, descabido.

As notas de rodapé são um recurso textual bastante antigo. O seu uso documentado remonta aos comerciantes fenícios da Antiguidade que colocavam notas nos papiros, com o objetivo de aprimorar as explicações das transações comerciais. Heródoto as utilizou com maestria no seu texto como um belo artifício retórico, sendo que, para muitos, elas são até mais interessantes do que o próprio texto principal. Os intelectuais do Império Romano faziam uso intenso das notas. Na Idade Média, a Igreja se utilizava das notas para explicar aos recém-convertidos e pouco alfabetizados líderes políticos europeus aspectos específicos da religião cristã (GAERTNER, 2002).

Já as modernas notas de rodapé estão relacionadas às inovações técnicas que acompanharam a difusão do livro no ocidente: utilização da ordem alfabética para ordenar verbetes de dicionários e enciclopédias; uso do sumário e do índice para informar sucintamente ao leitor sobre os assuntos; publicação de obras de referências sobre determinados assuntos, etc. A partir do século XVII, as notas de rodapé tiveram um significado especial para o conhecimento histórico, pois foram usadas como instrumentos de objetividade e de erudição crítica.

⁴ Na verdade, foram quatro prefácios, à primeira, segunda, terceira e sexta edições e uma introdução à segunda edição.

Entre os historiadores, o surgimento da indução estava ligada ao da nota de pé de página. O termo ‘nota de pé de página’ não deve ser tomado literalmente. O importante era a difusão da prática de dar algum tipo de orientação ao leitor de um texto particular sobre aonde ir para encontrar a evidência ou informações adicionais, fosse essa informação dada no próprio texto, à sua margem (“nota lateral”), ao pé (“nota de página” ou “de rodapé”), ao final ou em apêndices especiais de documentos (BURKE, 2003, p. 184).

O método crítico dentro da historiografia postulava que a verdade do texto era garantida pelo aval das fontes⁵. Nesse sentido, a ligação entre fontes e texto era feita por meio de notas, já que forneciam ao leitor cético o “endereço” onde encontrar as fontes originais. Posteriormente, a partir do século XVIII, as notas serviram também para o diálogo entre os pares, quando, por meio delas, os historiadores mostravam concordância ou discordância com pesquisas efetuadas por colegas. Atualmente as funções das notas de rodapé, no trabalho histórico, são de natureza diversa: referenciar fontes de pesquisas, referenciar bibliografia de apoio, desenvolver de modo mais aprofundado certos tópicos do texto, fazer comentários irônicos, dentre outras coisas. No estágio em que se encontra a Teoria da História atualmente, é temerário dizer que as notas de rodapé são avalistas da verdade do texto.

O pressuposto de que as notas de rodapé são elementos importantes para a compreensão melhor do texto principal de *Sobrados e Mucambos* se fundamenta naquilo que Carlo Ginzburg (1989) chamou de “método indiciário”. A sistematização desse método foi inspirada na descoberta do crítico de arte Giovanni Morelli que percebeu que, para distinguir uma obra de arte falsa da verdadeira, era de fundamental importância examinar “os pormenores mais negligenciáveis: os lóbulos da orelha, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés” (GINZBURG, 1989, p. 144). A partir daí, o autor vai mostrar um rol de disciplinas e práticas culturais que fazem uso de indícios para atingir o conhecimento: os caçadores, os médicos antigos, os detetives. “As notas de rodapé podem – então – ser consideradas indícios e sinais reveladores da forma de argumentar de determinado autor e de fenômenos mais gerais: a visão de mundo de uma classe social, de um escritor ou de toda uma sociedade” (GINZBURG, 1989, p. 178).

Um dos poucos estudos disponíveis sobre as notas de rodapé na historiografia é o trabalho de Anthony Grafton, *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre as notas de rodapé* (1998). Neste livro, o autor compara o uso das notas de rodapé no texto histórico com o banheiro:

⁵ A metáfora “fontes” é ilustrativa desse ideal de verdade, já que pressupõe que o conhecimento histórico do passado flui para o presente (RÜSEN, 2007, p. 104).

Como o banheiro, a nota de rodapé moderna é essencial à vida histórica civilizada; como o banheiro, ela parecer ser um assunto entediante para a conversação polida e chama a atenção, na maioria das vezes, quando funciona mal. Como o banheiro, as notas de rodapé descem suavemente pela tubulação – muitas vezes, recentemente, nem mesmo no pé da página, mas no fim do livro (GRAFTON, 1998, p. 17).

A metáfora do banheiro é bem pertinente para justificar o vocábulo “subterrâneos” que consta no título deste artigo. Por meio dessa abordagem subterrânea, pretende-se analisar os seguintes aspectos: o uso das notas de rodapé por Gilberto Freyre como um artifício retórico e argumentativo e como instrumento de análise das fontes utilizadas no livro.

As notas de rodapé como artifício retórico e argumentativo

O uso de notas de rodapé pelos historiadores tem sido associado ao esforço dos historiadores alemães da Escola Histórica do século XIX, liderados por Leopold Ranke, de dotar a disciplina História de parâmetros de objetividade e cientificidade. Nesse sentido, são pertinentes as colocações de Charles Carbonell (1987, p. 104) sobre a revolução metodológica desta escola histórica:

Há que reter o método que associa erudição e escrita, que narra e explica, que nem julga nem filosofa, que retira a sua substância de fontes primárias extraídas dos arquivos e das bibliotecas. Ranke escreveu obras sólidas, isto é, precisas, pormenorizadas, logo volumosas, mas também bastante apoiadas tipograficamente em referências em pé de páginas que remetem para os documentos.

Contudo, apesar desse esforço quase religioso em usar as notas de rodapé como instrumento de comprovação da veracidade empírica da pesquisa, o uso das notas possuía uma função retórica paralela à sua função científica. Retórico, não no sentido profundo em que foi descrita por Aristóteles, mas no sentido negativo do termo, remetendo a adornos desnecessários e sem conteúdos. O próprio Ranke (*apud* GRAFTON, 1998, p. 64), na sua juventude, demonstrou o uso meramente retórico das notas de rodapé em uma de suas primeiras obras: “evitei cuidadosamente apresentar notas explicativas. Mas senti que as citações eram indispensáveis na obra de um iniciante que deve abrir caminho para si próprio e convencer”.

O fato de o próprio Ranke, o aclamado “pai da história científica”, admitir o uso meramente retórico das notas de rodapé, demonstra que isso é uma estratégia usualmente utilizada pelos historiadores de modo consciente – como no caso do alemão – ou inconsciente – presumidamente na maioria dos outros casos.

No que se refere a Gilberto Freyre, um autor sempre preocupado com as críticas sobre o seu trabalho, é plausível admitir que o grande número de notas de rodapé utilizadas em suas obras possui a função retórica de convencer o leitor da autoridade do autor na sua argumentação. De acordo com Hans-Georg Gadamer (1997, p. 419), a autoridade pode ser negativa, quando se confia cegamente nos argumentos do outro, sem fazer “uso da própria razão”; ou positiva, quando se reconhece “que o outro está acima de nós em juízo e perspectiva e que, por consequência, seu juízo precede, ou seja, tem primazia em relação ao nosso próprio”. No caso das obras de Gilberto Freyre e das demais obras historiográficas, a autoridade do texto não visa fazer que o leitor abdique da sua razão; pelo contrário, espera-se que o leitor faça uma leitura crítica do texto, que implica a aceitação ou não da argumentação do autor. Nesse aspecto, os textos acadêmicos diferem dos textos dogmáticos religiosos, no qual pressupõe por parte do fiel a aceitação prévia da verdade emanada do texto.

Porém, é inegável que muitas vezes a quantidade das notas e das referências bibliográficas nacionais e estrangeiras convence por si só. Em um autor proficiente como Gilberto Freyre, corre-se o enorme risco de a sua erudição sufocar o leitor. Como um sagaz antropólogo e, por isso, amplo conhecedor dos símbolos de prestígios sociais que mediam a relação dos humanos com o mundo, fazia questão de exibir os indicadores de seu internacional prestígio intelectual⁶. No caso das notas de rodapé, a mera quantificação do material utilizado na pesquisa é impressionante, denotativa do esforço meticuloso na produção de S&M, conforme se visualiza a seguir:

⁶ De acordo com José Carlos Reis (2001, p. 51), “Freyre possui todos os títulos, prêmios e honras acadêmicas de quase todas as grandes universidades do mundo, o que ele não se cansa de lembrar e recitar”. No preâmbulo de uma entrevista a revista *Veja*, o entrevistador percebeu o “vistoso anel de doutor pela Universidade de Columbia” que Freyre orgulhosamente utilizava (Bastos, 1981). Outro símbolo de prestígio acadêmico que o autor utiliza de modo recorrente é a gravura das capas de suas obras traduzidas no exterior. No caderno de imagens da 15ª edição de *Sobrados e Mucambos*, consta-se a reprodução das capas da edição do livro em Portugal (1962), Estados Unidos (1963), Itália (1972) e Alemanha (1982). Para desanuviar qualquer impressão de ingenuidade do antropólogo diante do que poderia ser considerado como “trivialidades simbólicas”, basta observar a agudeza com que ele trabalhou os símbolos de prestígio social em *Sobrados e Mucambos*, analisando com perspicácia o uso do sapato, da barba, do cabelo longo, das unhas cumpridas, da bengala, das esporas de prata, da dimensão das casas, pela aristocracia brasileira para se diferenciar de escravos, mulatos e brancos pobres.

Quadro 2 – Classificação das referências documentais e bibliográficas em *Sobrados e Mucambos*

Tipo de referência	Descrição	Quantidade
DOCUMENTOS HISTÓRICOS	a. Documentos sem indicação do local onde foram pesquisados	13
	b. Documentos históricos publicados por anais, revistas, jornais, etc.	35
	c. Documentos pesquisados em Arquivos, Bibliotecas, Cartórios, Igrejas, etc.	112
	d. Livros de viajantes, cronistas, naturalistas, etc. publicados em língua estrangeira	119
	e. Livros publicados em português (Memória, tratados, história, relatórios, informes, etc.)	159
	f. Teses e artigos científicos	85
	g. Documentos pessoais e familiares (diários, cartas, fotografias, etc.)	27
	h. Obras literárias, poéticas e musicais (partituras)	12
	i. Almanques, revistas e guias de rua	23
	j. Jornais	84
	TOTAL DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS	658
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	a. Livros publicados em português	280
	b. Livros publicados em língua estrangeira	143
	c. Artigos de anais, jornais, periódicos publicados em português	114
	d. Artigos de anais, jornais, periódicos publicados em língua estrangeira	78
	TOTAL DA BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	615
TOTAL GERAL		1273

A eloquência da referência documental e bibliográfica em *S&M* ultrapassa o hiperbolismo dos números (embora poucos autores, em termos mundiais, conseguiram essa espantosa marca de mais de 1200 referências⁷). No entanto, reduzir essa extraordinária erudição, mapeada pelas referências das notas de rodapé, apenas a um efeito retórico é subestimar a profundidade da argumentação de Gilberto Freyre e a capacidade de discernimento crítico de seus leitores. O efeito retórico das notas existe, mas ele não é o mais importante no trabalho de Freyre. As referências às notas demonstram a capacidade de o autor transformar os vestígios do passado em uma narrativa histórica, com argumentos consistentes e dialogar com outros historiadores. Esse é o efeito argumentativo que se percebe na utilização das notas de rodapé. Por

⁷ Um desses autores, conforme a observação de Valdeir Araújo (2010, p. 218), foi o inglês Thomas Buckle, autor da *História da civilização na Inglaterra*, em que “a lista de autores citados no primeiro volume, que é aposta logo no início, ocupa nada menos que 14 páginas, com mais de mil títulos listados”.

isso, vale à pena deter-se um pouco mais, fazendo uma análise “exterior” e “interior” desse material de referência utilizado por Freyre neste livro.

Documentos sem indicação do local onde foram pesquisados

Freyre é um autor meticoloso e esforçou-se para referenciar satisfatoriamente o seu trabalho, informando detalhadamente onde conseguiu o material, como quando afirma sobre o *Compêndio Histórico-Político dos Princípios da Lavoura do Maranhão*, “obra hoje raríssima que nos foi possível consultar graças à gentileza do diretor da Biblioteca Nacional” (FREYRE, 1985, p. 29, nota 20). No entanto, nem sempre é fácil manter todas as informações técnicas sobre a fonte pesquisada. É que, muitas vezes, o historiador está tão absorto na busca de informações ou tão cansado de fazer anotações sobre o conteúdo, que se esquece de fazer as referências completas. O próprio Ranke cometeu alguns deslizes: “algumas páginas não possuem nenhuma nota; outras apresentam vários números de notas de rodapé, mas nenhuma referência. E muitas notas de rodapé fornecem o nome do autor e o título, mas não o número da página” (GRAFTON, 1998, p. 65). Por isso, são compreensíveis as treze referências incompletas encontradas, como o *compromisso da irmandade do Glorioso Martyr S. Gonçalo Garcia*, na qual está referenciada apenas com expressão “Penedo, 1914” (FREYRE, 2004, p. 535, nota 41). É provável que a fonte referira-se a cidade alagoana de Penedo e Freyre a encontrou indiretamente numa publicação de 1914, que ele omitiu. É preciso ressaltar que, quando escreveu sua obra, Freyre não tinha a sua disposição recursos tecnológicos de extrema utilidade na pesquisa e escrita histórica, como o computador, internet, máquinas fotográficas e *scanners*. Mesmo sem eles, Freyre produziu uma obra magnífica. Nesse sentido, não se espanta encontrar algumas omissões técnicas na sua obra, mas espanta-se de elas serem tão poucas e insignificantes.

Documentos históricos publicados por anais, revistas, jornais, etc.

Outro grupo de fontes utilizado por Freyre em *S&M* foram os documentos publicados em anais de arquivos, revistas ou livros. Esse é um procedimento usual entre os historiadores e indica uma parceria produtiva entre os arquivos – que disponibilizam os documentos para a publicação – e a comunidade em geral e os pesquisadores em particular. Nesse caso, Freyre utilizou documentos publicados pelas seguintes instituições: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Prefeitura de Salvador, Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Arquivo Público Mineiro, dentre outras.

O que é digno de nota é o fato de que 11 documentos (correspondendo a mais de 1/3) deste grupo serem provenientes da Exposição Joaquim Nabuco, realizada pelo Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, em 1949. Freyre sempre demonstrou profunda admiração pelo conterrâneo. Por isso, quando exerceu o mandato de Deputado Federal, apresentou em 1948, o projeto de lei que criou o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (atual Fundação Joaquim Nabuco) e fez vários discursos em homenagem ao centenário do nascimento de Nabuco, em 1949. No próprio texto, as referências a Nabuco são positivas⁸, como quando afirmou que “Joaquim Nabuco teve de fato a intuição ao escrever em *Minha Formação*” (FREYRE, 2004, p. 689, nota 1). Isso demonstra que a escolha dos documentos históricos na pesquisa não exclui as preferências subjetivas em relação as nossas simpatias ou antipatias por certos atores do passado.

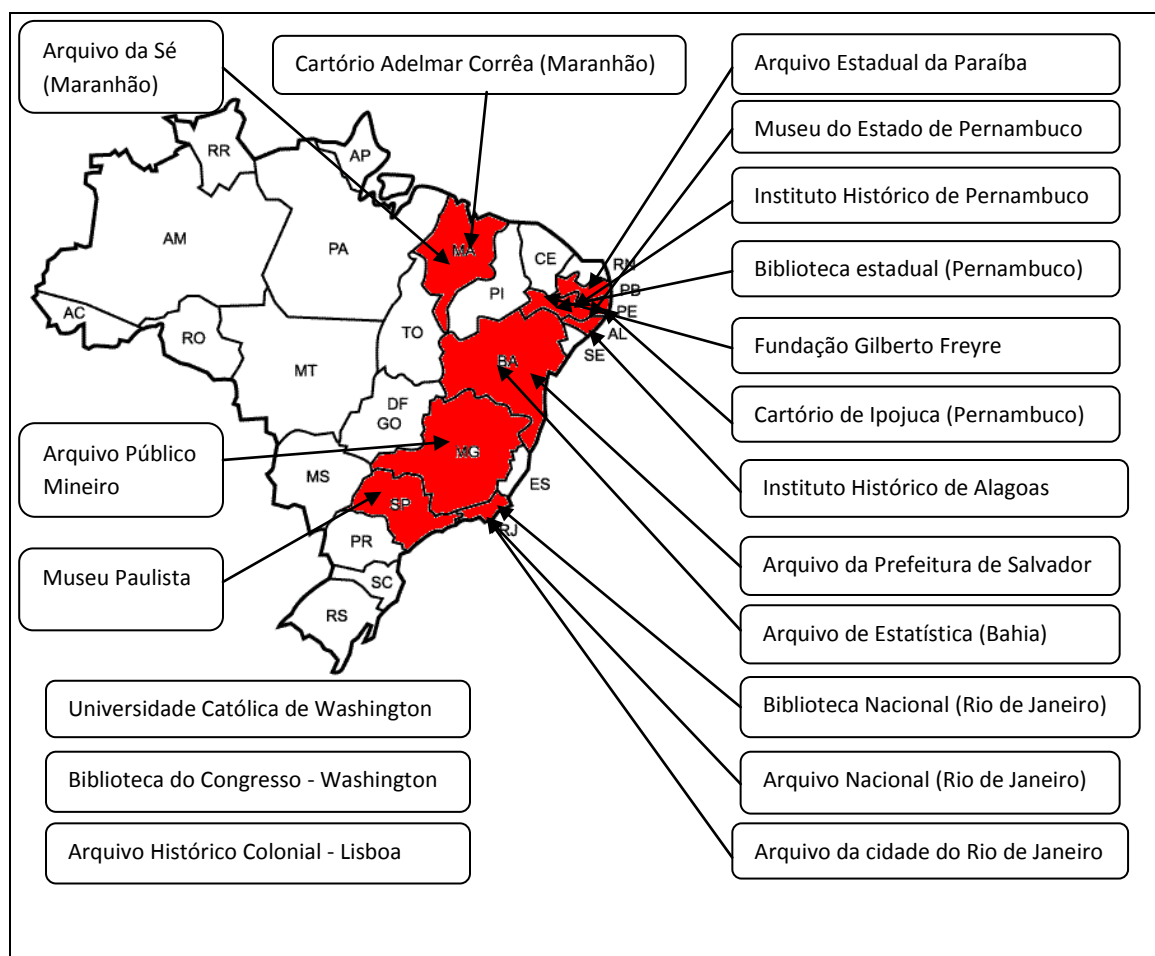
Documentos pesquisados diretamente em Arquivos, Bibliotecas, Cartórios, Igrejas, etc.

Neste grupo estão os documentos manuscritos que Gilberto Freyre pesquisou diretamente em arquivos, Bibliotecas, Igrejas, Cartórios. Deve ter sido a parte mais estafante do trabalho do pernambucano, já que sua pesquisa envolveu 16 instituições brasileiras e três no exterior. No Brasil, percorreu oito estados (Maranhão, Paraíba,

⁸ Um dos possíveis motivos para explicar essa afinidade psicológica de Freyre com Nabuco talvez esteja na personalidade anglófila de ambos. Nesse sentido, Palhares&Burke (2005, p. 418) destacam algumas antologias de Freyre, como o jeito inglês de vestir de Joaquim Nabuco e seu romantismo anglo-saxão.

Alagoas, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais), mas o grosso da documentação foi pesquisado em arquivos de Pernambuco, Rio de Janeiro e Minas Gerais. A diversidade dos documentos pesquisados é impressionante, envolvendo Atas das Câmaras Municipais, Cartas de autoridades, Compromisso e Estatutos de irmandades, ofícios, livros de sesmarias, etc. Ao observar o esforço de pesquisa de Gilberto Freyre, qualquer dúvida sobre a sua qualidade como pesquisador de arquivo se desvanece, já que poucos historiadores fizeram uma pesquisa tão ampla em arquivos como ele.

Arquivos utilizados por Gilberto Freyre na pesquisa de documentos manuscritos.



Livros de viajantes, cronistas, naturalistas, etc. publicados em língua estrangeira

Outro importante corpo documental utilizado por Gilberto Freyre em *S&M* foram as obras de autores estrangeiros que escreveram sobre o Brasil ou sobre algum tema correlato. Nesse caso, como a delimitação temporal do livro envolve uma parte da época colonial, os autores portugueses não foram incluídos no rol dos “estrangeiros”. Mesmo sem os portugueses, o número e a diversidade de obras estrangeiras consultadas é impressionante.

Quadro 3 – Cidades em que foram editados os livros estrangeiros utilizados por Freyre

Cidades	Quantidade de obras:
Paris	47
Londres	33
Nova Iorque	05
Amsterdã	03
Berlim – Filadélfia – Boston	02 (cada)
Leipzig – Bruxelas – Cambridge – Munique – Liege – Hannover – Viena – Genebra – Nápoles – Basileia – Liverpool - Vilmington	01 (cada)
Não indicadas	13

O olhar de estranhamento do estrangeiro permite captar as peculiaridades que, muitas vezes, passam despercebidas aos nativos. Daí esse tipo de fonte ter sido essencial na reconstrução do cotidiano da sociedade brasileira dos séculos XVIII e XIX. Por outro lado, o historiador precisa de um discernimento crítico para não absorver ingenuamente o etnocentrismo dos autores estrangeiros. A saída encontrada por Freyre para resolver esse impasse foi posicionar-se estrategicamente como um moderador do debate, escolhendo os interlocutores apropriados para cada ocasião e avaliando criticamente o seu escrito.

Um exemplo dessa posição moderadora assumida por Freyre foi a sua crítica ao etnocentrismo do francês Gobineau: “aliás, exagerando um tanto, escreveu o arianista francês que falar de brasileiro era o mesmo que falar de homem de cor” (FREYRE,

2004, p. 789). Do mesmo modo, criticou o “patriotismo comercial” do inglês Luccock que afirmou que seria vantajoso ao Brasil se os navios comerciais portugueses que faziam a rota Brasil - Oriente fossem substituídos por navios ingleses. Freyre (2004, p. 604) argumentou que houve, na verdade, “prejuízo para os interesses brasileiros e vantagem imensa só para os ingleses”.

Por outro lado, Freyre reconhecia a posição estratégica dos estrangeiros em determinados assuntos. Por exemplo, na análise dos vários tipos de contrabandos que limitavam o monopólio comercial português, reconheceu que o inglês Thomas Lindley “deve ser considerado autoridade, pois conheceu de perto as atividades irregulares de ingleses como intermediários do Brasil com o Oriente” (FREYRE, 2004, p. 567). No tocante a opinião em assuntos gastronômicos, considerou os franceses “mestres do paladar” (FREYRE, 1985, p. 219). Outro estrangeiro que mereceu o reconhecimento de Freyre pela argúcia crítica foi o francês Jean-Baptiste Debret, “cuja sensibilidade artística não se deixou dominar pelo interesse econômico de franceses ou ingleses imperiais em face de povos coloniais”. (FREYRE, 1985, p. 680). Desse modo, Freyre soube avaliar criticamente os estrangeiros, considerando suas observações pertinentes, como no caso de D’Assier, o “agudo observador europeu”; ou um pouco exageradas, como a de Luccock, o “crítico tão severo das nossas maneiras” (FREYRE, 1985, p. 315).

Livros publicados em português (Memória, tratados, história, relatórios, informes, etc.)

O maior corpo documental utilizado por Freyre é o dos autores brasileiros e portugueses que escreveram alguma obra de caráter histórico, técnico, memorialístico sobre a sociedade da época. A abordagem de Freyre desse material é similar à utilizada nas obras dos autores estrangeiros, ou seja, considerando a pertinência da análise individualizada de cada um. Por exemplo, Freyre admirou-se da opinião humanista e sensata de Arruda Câmara (*apud* FREYRE, 2004, p. 720) que afirmou, dentre outras coisas, que “com a monarchia ou sem Ella, deve a gente de cor ter ingresso na prosperidade do Brasil”.

Desse modo, procedendo como um verdadeiro moderador, Freyre vai articulando os diferentes discursos de época, selecionando e criticando-os conforme cada caso.

Teses e artigos científicos

Afastando-se do cientificismo positivista, Freyre utiliza várias obras científicas, principalmente teses e artigos de médicos, como fontes históricas. O discurso médico teve uma importância basilar na fundamentação argumentativa de *S&M*. Numa primeira perspectiva, Freyre utilizou o discurso dos médicos como um contraponto crítico aos padrões morais e higiênicos da sociedade patriarcal, principalmente no tocante às mulheres e às crianças, as principais vítimas do patriarcalismo brasileiro. Nesse sentido, ele utiliza um relatório de quatro médicos sobre as instalações destinadas aos alunos da Escola do Arsenal de Guerra, para criticar as condições higiênicas e estruturais do internato, extremamente úmido e sem ventilação, e a alimentação deficiente a que as crianças eram submetidas (FREYRE, 1985, p. 91, nota 17). Do mesmo modo, ele utilizou o artigo de Nicolau Moreira, publicado nos *Anais brasilienses de Medicina*, para mostrar que a alimentação e o vestuário das mulheres no sistema patriarcal eram responsáveis pela fraqueza e pelas doenças nessas mesmas mulheres. (FREYRE, 1985, p. 118).

No entanto, se o discurso médico era pertinente para criticar a deficiência de alimentação, vestuário, higiene, moradia de escravos, crianças e mulheres; esse mesmo discurso foi considerado inadequado, quando abordava questões raciais. Um exemplo é a discordância em relação ao médico Dr. Costa Ferraz, crítico ferrenho da introdução de asiáticos no Brasil: “esquecia-se, talvez, o radical inimigo da imigração de orientais de que, do ponto de vista higiênico, a mesma colonização, quando representada por chineses, estava longe de justificar a fúria contra ela, de médicos particularmente sensíveis ao aspecto sanitário do assunto” (FREYRE, 1985, p.562).

Portanto, Freyre conseguiu reunir um importante corpus documental, analisando teses, principalmente as apresentadas à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e artigos médicos, principalmente publicados nos *Anais brasilienses de medicina*, para fundamentar a sua argumentação crítica ao patriarcalismo e ao racismo científico da sociedade brasileira do século XIX.

Documentos pessoais e familiares (diários, cartas, fotografias, etc.)

Outro importante grupo de documentos utilizados foi aquele relacionado à memória pessoal e familiar, principalmente de arquivos de parentes ou conhecidos do autor. Destacam-se os Arquivos da família Alfredo Alves da Silva Freyre e Ulisses Pernambucano de Mello, avôs de Freyre. Ele aproveitou a sua proximidade com a aristocracia nordestina para conseguir “panfletos raros”, álbuns de fotografias, cartas pessoais, dentre outros documentos pessoais.

O uso desse tipo de fontes serviu para aproximar a História da memória, na qual as lembranças pessoais do autor ou de sua família ajudam a compor o cenário do passado reconstruído narrativamente. Para Leenhardt (2006, p. 152), “o testemunho do próprio autor-ator, herdeiro do sistema patriarcal/semipatriarcal, fica sendo a fonte mais legítima para o estudo considerado”. É possível que Leenhardt tenha superestimado o valor da memória familiar ou individual em *S&M*, já que o uso desse tipo de fonte é bem inferior ao de outras fontes.

Por outro lado, é preciso reconhecer que esses documentos têm um papel estratégico na argumentação de Freyre. Um exemplo em que História e Memória se entrelaçam se vislumbra no texto a seguir:

Saint-Hilaire notou na cidade de São que era raro o sobrado em que as janelas não fossem envidraçadas. Luxo que raramente faltava aos sobradões mineiros. Ainda há poucos anos, vimos perto de Barbacena velho casarão de fazenda, ao que parece do século XVIII, com o terraço todo envidraçado (FREYRE, 1985, p. 192).

Nota-se que Freyre vale-se da sua lembrança pessoal para complementar o relato feito pelo viajante estrangeiro, reforçando a argumentação sobre o uso do vidro nas residências antigas.

Em outro momento, as lembranças da infância do autor mesclam-se com a memória de sua família: “uma das nossas mais fortes recordações de meninice é a da loja, no Recife, de chapéus, chapéus-de-sol e bengalas, dos nossos parentes João e José de Sousa e Melo que eram, também, senhores do engenho São Severiano dos Ramos” (FREYRE, 2004, p. 523). Nesse caso, a memória serve tanto para mostrar um fato do passado – a grande amplitude do uso de chapéus – como também para vincular o autor

a um grupo social específico – o dos senhores de engenho de Recife. Esse caráter aristocrático de sua origem social foi um dos principais motivos de crítica aos seus trabalhos, principalmente de marxistas, que o consideraram “um intelectual orgânico das elites dominantes em crise” e que “teria elaborado uma visão senhorial do Brasil, relatando a saga da oligarquia rural, desnudando liricamente a sua vida íntima” (REIS, 2001, p. 99). Essa crítica precisa ser relativizada, porque se for levada às últimas conseqüências, corroboraria uma perspectiva teórica segundo a qual as obras escritas pelos filhos das aristocracias não seriam legítimas – a não ser que relegassem a sua origem, como o fez Caio Prado Júnior. O fato de Freyre ter escrito as suas obras, olhando o passado da janela da casa-grande ou do sobrado, não tira a sua legitimidade como historiador, pois, conforme ensinou Gadamer (1997), todos olhamos o passado da nossa janela (ou horizonte). A diferença, no caso de Freyre, é que ele não se escondeu atrás das cortinas da objetividade; pelo contrário, fez questão de explicitar a sua origem, não envergonhando de seu passado e de seus parentes. Daí o uso das fontes memorialísticas em seu livro.

Obras literárias, poéticas e musicais (partituras)

Freyre é considerado um dos pioneiros, junto com a historiografia das *Annales*, na renovação historiográfica que propagou o uso de novas fontes no trabalho histórico. Uma fonte inovadora utilizada por Freyre são obras de caráter literário. Embora o uso desse tipo de fonte não seja maciço – foram apenas 12 obras mapeadas –, elas são indicativas de sua habilidade no uso de fontes que permitam expressar a sensibilidade dos sujeitos históricos.

Nesse sentido, Freyre identifica no verso do poeta Alvarenga Peixoto – “O pastor louro que meio peito inflama / Dará novos alentos a meu verso” uma sensibilidade, típica dos intelectuais mulatos, educados na Europa, que se viam divididos ao meio entre utopia do desejo de ser “pastores louros” e a realidade de serem mulatos (FREYRE, 2004, p. 715). Outra obra literária que Freyre utilizou para retratar a inserção do mulato culto, educado na Europa, foi *O mulato*, na qual

Aluísio Azevedo deixou-nos em romance – verdadeiro “documento humano” recortado da vida provinciana do seu tempo, segundo a técnica realista que foi um dos primeiros a seguir entre nós – metuculoso retrato de bacharel mulato educado na Europa (FREYRE, 2004, p. 732).

Portanto, é precisamente nesse sentido de estudar a “sensibilidade” ou a “mentalidade” que Freyre utiliza as obras literárias. Além de Alvarenga Peixoto e Aluísio Azevedo, usa também a *Prosopopéia* de Bento Teixeira, os *Sermões* do “sempre perspicaz Vieira” (FREYRE, 2004, p. 482), a poesia de Gregório de Matos, as crônicas de Franklin Távora e de Joaquim Manuel de Macedo, dentre outras.

Almanaques, revistas, guias de rua e jornais

Um grupo significativo de fontes utilizado em *S&M* são os almanaques, revistas e guias de ruas. Essas fontes terão o uso praticamente idêntico ao dos jornais do século XIX, que passaremos a analisar neste tópico. Foram utilizados 84 títulos, principalmente do Rio de Janeiro e Recife, mas também alguns de São Paulo, Maranhão, Rio Grande do Sul e Londres. Dos jornais, Freyre aproveitou basicamente duas coisas: os artigos e os anúncios. Esses dois aspectos expressam a base metodológica utilizada por Freyre nesta obra: a análise crítica dos discursos (ofícios, relatórios, livros de estrangeiros ou nacionais, poesias, romances, teses, artigos científicos, etc.) e os anúncios de jornais que expressam a cultura material (móveis, residências, vestimentas, máquinas, medicamentos, etc.). A cultura material é entendida como aquela que

estuda os objetos materiais em sua interação com os aspectos mais concretos da vida humana, desdobrando-se por domínios históricos que vão do estudo dos utensílios ao estudo da alimentação, do vestuário, da moradia e das condições materiais do trabalho humano. (...) este campo deve examinar não o objeto material tomado em si mesmo, mas sim os seus usos, as suas apropriações, as técnicas envolvidas na sua manipulação, a sua importância econômica e a sua necessidade social e cultural (BARROS, 2004, p. 30).

Desse modo, Freyre utiliza o cotidiano material da sociedade brasileira do século XIX, expresso nos anúncios de jornais, como documento de acesso a cultura. Um exemplo é a arquitetura de alguns sobrados, compatível com o patriarcalismo vigente, que escondia as mulheres dos olhos dos estranhos, colocando-as em “quartos sem janela, no interior da casa, onde não chegasse nem sequer o reflexo do olhar pegajento dos donjuans, tão mais afoitos nas cidades do que interior” (FREYRE, 1985, p. 199). Atento aos detalhes da vida patriarcal, Freyre notou a expressão simbólica da

autoridade do patriarca na sua cadeira “sempre maior, de braço, uma espécie de trono” (FREYRE, 1985, p. 220), que se destacam das outras menores em volta da mesa.

Os dois tipos de fontes – as de caráter discursivo e as de caráter material – se complementam: as primeiras expressam a subjetividade dos sujeitos em relação ao mundo em que vivem; as segundas expressam a realidade material, que limitam ou reforçam essa subjetividade. Esses dois usos são exemplos das possibilidades, descritas por Jörn Rüsen (2007, p. 136-154), do uso das fontes: a hermenêutica e a analítica.

Na hermenêutica, os historiadores utilizam fontes que expressam os valores, as visões de mundo, as representações dos sujeitos do passado. Elas possuem o caráter lingüístico, em que os sujeitos expressam sua visão sobre o mundo. Ela permite considerar os sujeitos históricos como seres culturais capazes de fazer escolhas sobre o mundo em que vivem.

Já a analítica é um tipo de modalidade de pesquisa em que são utilizadas fontes que realçam as circunstâncias e as condições que limitam o agir e a forma de pensar humano. Nela, os seres humanos são situados em um campo de relações de força que limita as suas possibilidades de agir, pensar e atuar no mundo. No caso de Freyre (2005, p. 579), isso fica bem evidente quando ele afirma que

a generalização do uso da faca e do garfo individual entre a burguesia brasileira marcará uma das vitórias mais expressivas do Ocidente sobre o Oriente nas nossas cidades, em consequência da abertura dos portos e da rápida dominação dos mercados pelo comércio britânico.

Nesse caso, o garfo e a faca em si são objetos materiais que não possuem um caráter lingüístico discursivo como uma carta, por exemplo. No entanto, esses objetos expressam as novas possibilidades estruturais advindas com a Abertura dos Portos, nas quais os sujeitos históricos abandonaram sua postura oriental de se alimentar usando os dedos das mãos e passaram a utilizar novos objetos à mesa.

Percebe-se, portanto, que Freyre consegue fazer a síntese entre hermenêutica e analítica, resultando numa perspectiva dialética de pesquisa, fazendo com que a “intencionalidade, pesquisada hermenêuticamente como fator das mudanças no tempo, receb[er] o contrapeso específico de sua dependência das condições prévias e das circunstâncias objetivas que imprimem aos processos temporais direções não-intencionais” (RÜSEN, 2007, p. 156-7).

Considerações finais

Enfim, o estudo das notas de rodapé mostrou os passos metodológicos que Gilberto Freyre utilizou na construção de *S&M*, permitindo uma análise historiográfica dos fundamentos da utilização das fontes pelo intelectual pernambucano. Desse modo, percebeu-se que as notas possuem uma função retórica, ao expressar uma autoridade do argumento por meio de referência às fontes documentais. No entanto, mais do que a mera retórica, as notas de rodapé possuem uma função argumentativa, pois é por meio da referência aos vestígios empíricos que o historiador convence os seus pares da propriedade das suas colocações.

Além do mais, as notas de rodapé possibilitaram um retrato dos diferentes tipos de fontes utilizadas para fundamentar o argumento de *S&M*. Freyre valeu-se de fontes clássicas utilizadas pelos historiadores (documentos consultados em arquivos ou publicados em anais, jornais de épocas, viajantes, obras diversas de autores nacionais e estrangeiros) e também de fontes mais inovadoras (como diários, almanaques, guias de ruas, obras literárias, dentre outras). A discriminação das fontes utilizadas demonstra que Freyre não era um mero ensaísta, mas que se preocupava em fundamentar a sua argumentação em elementos empíricos do passado.

THE UNDERGROUND OF *MANSIONS AND SHANTIES*: HISTORICAL ANALYSIS OF FOOTNOTES

Abstract: The purpose of this article was to analyze the footnotes in *Mansions and Shanties*. The writing style or argument Freyre is characterized by intensive use of footnotes, which make up a large part of his works. Nevertheless, none of the various historiographical studies focused on this author footnotes. Thus, we analyzed the notes as an important rhetorical argumentation used by the author. Accordingly, the notes are not mere appendages of the text, but evidence and signals (Ginzburg) a historiographical concept, which seeks to legitimize itself by argument (Rüsen).

Key words: Gilberto Freyre - *Mansions and the Shanties* - Footnotes

Referências

- ARAÚJO, Valdei. “Henry Thomas Buckle (1822-1862)” – Apresentação. In. MARTINS, Estevão de Rezende (org.). *História pensada: teoria e método da historiografia européia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010. P. 217-225.
- BARROS, José D’Assunção. “Os campos da História – uma introdução às especialidades da História”. *Revista HISTEDBR on-line*. Campinas, n. 16, p. 17-35 dez. de 2004.
- BASTOS, E. R. “Raízes do Brasil – Sobrados e Mucambos: um diálogo”. *Perspectivas*. São Paulo. V. 28, p. 19-36. Jul/dez. 2005. Disponível em: seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/download/13/6 Acessado em: 05 set. 2011.
- BASTOS, Mauro. O anarquista construtivo. **Veja**. São Paulo, 04 jan. 1981. Disponível em: http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/vida/entrevistas/anarquista_construtivo.html. Acessado em 07 set. 2011.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CARBONELL, Charles-Olivier. *Historiografia*. Lisboa: Editorial Teorema, 1987.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985. 7ª edição.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. São Paulo: Editora Global, 2004. 15ª edição.
- GADAMER, Has-Georg. *Verdade e Método*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- GAERTNER, Lisandro. “A História das Notas de Rodapé”. Rio de Janeiro: 2002. In. <http://www.digestivocultural.com>. Acesso em 19 mar 2008.
- GENETTE, G.; MacLEAN, Introduction to the Paratext. **New Literary History**, Vol. 22, No. 2, Genre (Spring, 1991), The Johns Hopkins University Press p. 261-272. <http://www.jstor.org/stable/469037>. Acesso: 13 jul. 2013.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé*. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- LEENHARDT, Jacques. “Protocolos da escrita: as estratégias de Gilberto Freyre”. In. DIMAS, Antônio; LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra J. (org.) *Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre entre história e ficção*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Editora da USP, 2006. P. 145-155.
- PALLARES-BURKE, Maira Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. “O cativo de Clio: narrativa entre memória e história”. In. DIMAS, Antônio; LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra J.

(org.) *Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre entre história e ficção*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Editora da USP, 2006. P. 158-174.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil de Vanhargen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

RÛSEN, J. *Reconstrução do Passado*. Brasília: UnB, 2007.

RÛSEN, Jörn. *Reconstrução do passado. Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica*. Brasília: Editora da UnB, 2007.

SILVA, Leonardo Dantas. "A paisagem mestiça em *Sobrados e Mucambos*". In. KOMINSKY, Ethel Volfzon; LÉPINE, Claude; FERNANDA, Arêas Peixoto. *Gilberto Freyre em quatro tempos*. Bauru, SP: Edusc, 2003. P. 237-247.

SOUZA, Jessé. *A modernização seletiva*. Brasília: UnB, 2000.

SOBRE O AUTOR

Eliézer Cardoso de Oliveira – Doutor em Sociologia pela UnB; professor do Curso de História e do Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado pela UEG - Unidade Anápolis.

Recebido em 07/11/13

Aceito em 10/12/13